



## Articuladores textuais como estratégia argumentativa na construção do gênero discursivo

**Érica Cayres Rodrigues**

Mestranda em Letras/UNIR  
erica.rodrigues@ifro.edu.br

**Denise Jocasta Pereira**

Mestranda em Letras/UNIR;  
denisejocasta@gmail.com

**Simone Cristina Bonatto**

Mestranda em Letras/UNIR;  
simone.cris\_bonatto@hotmail.com

**Maria Teresa Pinto de Sousa**

Mestranda em Letras/UNIR;  
mariateresaps16@hotmail.com

**Véra Lúcia Conceição da Silva**

Mestranda em Letras/UNIR;  
teacherveraluciasilva@hotmail.com

**Valdir Vegini**

Prof. Dr. em Narratologia/UNIR;  
vvegini@gmail.com

**Resumo:** O artigo analisa o modo como os articuladores textuais sinalizam relações discursivo-argumentativas no gênero “artigo de opinião” uma vez que esse gênero expressa a ideia do autor a respeito de um assunto polêmico. Como corpus de análise foi selecionado o texto “Pensando o Brasil” publicado pela revista Veja em abril de 2014. O procedimento metodológico adotado foi o da pesquisa bibliográfica de caráter analítico, sob a luz das teorias da Linguística Textual, na perspectiva, principalmente, de Koch e Fávero. O principal resultado do trabalho mostra que os articuladores textuais possuem papel primordial na construção da argumentatividade. Por meio deles o escritor direciona a construção do sentido como forma de persuadir a opinião do público leitor.

**Palavras-chave:** Linguística Textual. Articulação Textual. Discurso. Argumentação.

**Abstract:** This article examines how the textual articulators show discursive-argumentative relations in an opinion article since this genre expresses the author's opinion about a controversial subject. As analysis corpus we selected the text "Thinking Brazil" published by Veja magazine in April 2014. The methodological procedure adopted was the bibliographical research of analytical character, in the light of the theories of Textual Linguistics, according to Koch and Fávero. The main result of the study shows that the textual articulators have key role in building the argumentativity. The writer directs the construction of meaning through them, as a way to persuade the reader's opinion.

**Keywords:** Textual Linguistics. Textual Articulation. Speech. Argumentation.



## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano é constituído a partir da linguagem na relação com o outro; por isso, vem diversificando e ampliando a utilização dos meios de comunicação. A cada ano são criados novos aplicativos, sites de relacionamentos, além das sofisticadas mídias já existentes, entre as quais está o telefone (fixo e móvel), a internet, revistas, jornais, televisão etc. Essas inovações e atitudes comprovam a complexidade e a necessidade de comunicação do ser humano, uma criatura eminentemente linguística.

Todas essas formas de comunicações são compostas por textos, que são produzidos tanto de forma oral quanto escrita. Dentre os diversos tipos de textos, muitos são opinativos, outros contêm críticas de cunho social, seja a entidades públicas ou privadas e até pessoais. Entre os primeiros, sobretudo, a tônica comum para que sejam levados em consideração ou em desconsideração é seu caráter persuasivo, que poderá gerar na mente do leitor concordância, discordância e crítica ou simplesmente indiferença.

Para a realização deste estudo, buscamos textos em uma revista de grande circulação nacional, a *Veja*, semanalmente editada, publicada e distribuída a seus assinantes pela editora Abril. Ela trata de temas nacionais e internacionais, dentre os quais, destacam-se questões políticas e socioculturais. A revista, lançada em 1968, desde então vem publicando uma variedade de gêneros textuais, tais como, reportagens, entrevistas, carta ao leitor, publicitários, contos, artigos de opinião e outros. Entre esses diversos gêneros, selecionamos um artigo de opinião, assinado por Lya Luft, por possuir característica persuasiva e exortativa produzida por meio de vários recursos linguísticos, dentre os quais, destacam-se os articuladores textuais, que contribuem para organização do texto e com o sentido pretendido pela articulista.

Assim, neste artigo procuramos responder à seguinte questão: como os articuladores textuais contribuem para a construção do discurso argumentativo no gênero artigo de opinião? Portanto, o que pretendemos é identificar e analisar como os articuladores textuais sinalizam as relações discursivo-argumentativas no gênero artigo de opinião. Para embasar essa análise e discussão, apoiamos nossa análise na teoria da Linguística Textual focada, principalmente, nos estudos de Fávero e Koch (2012), e, adicionalmente, nos trabalhos de Bronckart (1999),

Neves (2000), Marcuschi (2008), Bakhtin (2011), que abordam especificamente algumas particularidades relativas aos “gêneros e articuladores”.

## 2 Gênero textual: artigo de opinião

A interação social do homem ocorre por meio da capacidade que ele possui em utilizar a linguagem, tanto verbal quanto não verbal. Essa capacidade levou-o a convencionar signos linguísticos e com isso introduziu no seu universo comunicativo a língua, ou seja, a linguagem articulada, a mais extraordinária forma de cultura. Compreende-se por língua aqui não somente um conjunto de signos abstratos fechado nele mesmo, mas como “um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

Corroborando com essa ideia, Bakhtin (2011, p. 263-264) afirma que o uso da língua ocorre por meio de enunciados concretos, organizados e estruturados em três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional, dando origem, assim, aos gêneros discursivos, que têm como objetivo cumprir funções comunicativas num determinado contexto sócio-histórico. Para esse autor, toda forma de comunicação, tanto falada quanto escrita, é moldada em gêneros discursivos, que ele divide em gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos). Os primários são constituídos a partir de situações comunicativas do dia a dia, informais, espontâneas e imediatas, tais como o bilhete, a carta e o diálogo cotidiano. Já os secundários, relacionam-se em contextos comunicativos mais complexos, que exigem um trabalho maior de elaboração, como exemplo, o teatro, os romances e os textos científicos.

Partindo desse pressuposto, compreendem-se gêneros discursivos como a materialização dos atos comunicativos realizados em diversos contextos. Por isso, os gêneros são também diversos, pois, são flexíveis e livres, determinados por vários fatores, quais sejam, a situação comunicativa, a posição social, o nível de relação entre os interlocutores e a intencionalidade. Nas palavras de Bakhtin:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de cada campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições e comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2011, p. 266)



Como visto, os gêneros discursivos são inúmeros e, dentre eles, o gênero denominado artigo de opinião, pertencente à esfera jornalística. Importa destacar que esse gênero nasce num momento de transformação da imprensa periódica brasileira, ou seja, surge quando o jornalismo deixa simplesmente de transmitir informação e passa também a disseminar opiniões. Isso ocorre a partir do século XVII quando essa modalidade de texto comercial abre espaço para o jornalismo de opinião em que prevalecem os desejos, interesses políticos e ideológicos de uma determinada classe social (MARSHALL, 2003, p.78). Por esse viés, o artigo de opinião, como assegura Teixeira (2005, p.78), é uma construção estruturada e argumentada sobre algum tema e sua existência está “vinculada a uma forma direta de manifestação do princípio de liberdade”, uma vez que o jornal não só noticia, mas também deixa espaço para o articulista expor seu ponto de vista sobre diversos assuntos. Esses profissionais podem ser tanto um jornalista stricto senso quanto um especialista (professor, pesquisador). Como se pode observar, o artigo de opinião trata de temas polêmicos, geralmente veiculado em jornais, revistas, sites, tendo como objetivo influenciar os leitores a mudarem seus pontos de vista, levando-os a compartilharem uma opinião, assim o sujeito que argumenta “[...] passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento”. (CHARAUDEAU, 2008, p.205). Seguindo essa ótica, Koch (2009, p.32) afirma que todo discurso produzido carrega uma intencionalidade, ou seja, o ato de argumentar conduz o discurso a um sentido determinado. Esse sentido é marcado pelos valores ideológicos do enunciador, uma vez que o articulista está inserido num contexto social e histórico, e, dentro desse contexto, ocupa uma posição que determina quais argumentos deve usar na construção de seu discurso.

Tendo em vista esse caráter argumentativo do artigo de opinião, pode-se classificá-lo como um gênero discursivo da ordem do argumentar (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 60-61). Argumentar é utilizar os recursos linguísticos para defender uma tese, isto é, um ponto de vista a respeito de um determinado acontecimento, seja no âmbito político, social, econômico, educacional e outros. Por isso, o articulista, ao escrever, além de utilizar os recursos linguísticos também seleciona e organiza argumentos em uma sequência lógica para produzir um sentido coerente do texto. O artigo de opinião apresenta-se, pois, constituído das seguintes características: a presença do outro no discurso (dialogismo), a presença de um tema

polêmico e de articuladores argumentativos, o uso predominante da terceira pessoa, a ordenação da tese, argumentos e contra-argumentos e a conclusão. Dadas essas características, a análise de um artigo de opinião requer que sejam considerados alguns fatores importantes, dentre os quais: as condições de produção, a intencionalidade, a imagem que o articulista faz do seu leitor, como também a que deseja projetar de si mesmo. Esses fatores determinam a seleção de recursos linguísticos, principalmente, dos articuladores textuais.

### 3 OS ARTICULADORES TEXTUAIS

Como vimos, a linguagem é o meio pelo qual o ser humano interage com o outro. E nesse processo comunicativo o homem não só expressa sua opinião, mas busca persuadir o outro por meio de argumentos convincentes. Para isso, o enunciador utiliza vários recursos, dentre eles, os articuladores linguísticos denominados, ainda, como operadores de discurso. Muito embora, esses articuladores sejam apenas um dos recursos argumentativos do texto, conhecê-los e empregá-los adequadamente se torna um recurso imprescindível. Eles contêm pistas que indicam o caminho a ser percorrido pelo leitor, bem como revelam a intencionalidade do enunciador. Esses articuladores linguísticos têm como característica estruturar os argumentos (KOCH, 2003, p.171), sendo, portanto, importantes na produção do gênero artigo de opinião, pois, eles dão sustentação à tese. Para Nascimento (2008, p. 42), o articulador textual é “o processo responsável pela concatenação dos componentes semântico-textuais no enunciado e, por conseguinte, colaborador na identificação do texto como um todo significativo”. Cabe ressaltar que “esse todo significativo” se dá na interação entre o locutor/escritor e o ouvinte/leitor, pois, ao produzir um texto aquele seleciona recursos linguísticos que contribuem para alcançar a desejada intencionalidade, cabendo a este identificá-los. Segundo Koch (2008, p. 141), os articuladores textuais são multifuncionais, pois exercem no texto diferentes funções, quais sejam: cognitiva, discursiva argumentativa, organizacional, meta-enunciativa e interacional:

[...] os articuladores textuais têm a função de relacionar elementos significativos, ou seja, situar que o enunciado fala no espaço e/ou tempo, e/ou estabelecer entre eles relações de tipo lógico-semântico (causalidade, condicionalidade, conformidade, disjunção, etc), assim como, sinaliza relações discurso-argumentativas; podem funcionar como organizadores textuais, ou, ainda, exercer, no texto, funções de ordem metadiscursiva. (KOCH, 2008, p. 83)

Esses articuladores, ainda de acordo com Koch (2009, p.130-1), são organizados em quatro grandes grupos: os de conteúdo proposicional, os discursivo-argumentativos, os organizadores textuais e os metadiscursivos. Eles estabelecem várias funções que contribuem para a argumentatividade, entre as quais, as que apresentamos a seguir.

- a) Os marcadores de cunho proposicional marcam relações espaço-temporais entre os estados de coisas a que o enunciado faz referência ou estabelece entre eles relações de caráter lógico-semântico, tais como: causa (porque), fim (para), condição (se) e disjunção (ou). Esses conectores exercem papel relevante na organização argumentativa dos enunciados.
- b) Os articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos interligam dois atos de falas divergentes, ou seja, um dos atos cumprirá com a função de justificar, explicar, contrapor, generalizar, especificar ou concluir o outro ato, formando, entre eles, relações discursivo-argumentativas que auxiliam na construção global do texto. Isso contribui do ponto de vista linguístico, para a produção de sentido, bem como, para comprovar a tese defendida pelo enunciador. Nas palavras de Koch (2009):

Estes operadores articulam dois atos de fala, em que o segundo toma o primeiro como tema, com o fim de justificá-lo ou melhor explicá-lo; contrapor-lhe ou adicionar-lhe argumentos; generalizar, especificar, concluir a partir dele; comprovar-lhe a veracidade; convocar o interlocutor à concordância etc., sendo, assim, responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem. (KOCH, 2009, p. 131)

- c) Os articuladores metaenunciativos têm a função de explicar, de certa forma, a própria enunciação, isto é, marcam a reflexão do enunciador sobre seu próprio dizer. Podem ser expressos por diversos recursos linguísticos, entre os quais os auxiliares modais (poder, dever, precisar, querer), os advérbios modalizadores (certamente, provavelmente), os predicados cristalizados (é preciso, é necessário, é provável) (KOCH, 2009, p.127) Subdividem-se nos seguintes grupos: delimitadores de domínio, organizadores textuais, modalizadores epistêmicos, atitudinais ou afetivos, axiológicos, de caráter deontico, atenuadores, com vista à preservação das faces, metaformativos e seus derivados.

Dentre esse conjunto de articuladores metaenunciativos, cabe ressaltar os modalizadores epistêmicos e os atenuadores. Aqueles marcam a certeza do enunciador com



relação aos fatos enunciados, evidenciando o grau de comprometimento, de engajamento do locutor (KOCH, 2009, p. 125); estes, ao contrário dos epistêmicos, apresentam dúvida, incerteza quanto aos fatos enunciados. Esse grupo de articuladores “não se compromete com a verdade do que é dito [...] criando um efeito de atenuação” (NEVES, 200, p. 247), o que contribui para a preservação das faces dos interlocutores.

Esses articuladores contribuem, especialmente, para a construção do sentido do texto, uma vez que conduz o leitor à compreensão, ao engajamento em relação ao texto (BRONCKART, 1999, p. 330). E permite destacar ainda a subjetividade (a marca do sujeito) na construção do discurso, como indicadores de suas intenções em relação ao seu enunciado.

Como apresentado, os articuladores textuais são importantes recursos linguísticos que o enunciador tem à disposição, pois, ao produzir um texto, ele seleciona entre esses recursos àqueles que conduzirão o interlocutor a construção de determinados sentidos. Esses sentidos, por sua vez, são constituídos tanto pelos recursos linguísticos presentes no texto como pela sua forma de organização. Assim, há a necessidade do usuário da língua conhecer o poder argumentativo desses recursos linguísticos, tanto para percebê-los no discurso do outro, como também, para utilizá-los com competência no seu próprio discurso. (KOCH, 2009, p. 33)

#### 4 O CORPUS LINGUÍSTICO E ANÁLISE

Apresentamos a seguir o artigo de opinião retirado da revista *Veja*, seguido da análise linguístico-textual baseada nas considerações de ordem teórica contidas na seção anterior:

##### **PENSANDO O BRASIL**

Talvez eu devesse escrever “Pensando no Brasil”, significando duplamente quem, neste país, pensa, e quem pensa sobre o Brasil. Seja como for, pensamos que vimos tudo, e nos enganamos. Assim, recentemente no Rio peguei um taxista bem idoso, perto dos 80 anos. Valente, falante, devotadamente dirigia seu carro aos trancos, e discorria sem parar sobre as belezas da cidade e da vida no Brasil. Nunca se discutam as belezas do Rio, mas, nesta fase de obras e manifestações pululando por toda parte, até respirar fica difícil, quanto mais movimentar-se, cumprir horários e compromissos. O taxista, porém, estava numa felicidade transbordante, e dizia (cito-o com todo o respeito, e quero dizer que não são opiniões minhas, mas dele):

“Eu acho este tempo agora maravilhoso. Sou um matuto, vim para cá aos 18 anos, tenho 78, mas ainda sou um matuto. Só que hoje sou um matuto feliz, porque nos primeiros

tempos de Rio eu passava dias sem comer. Hoje estou sempre de barriga cheia, e nos domingos meu filho ainda assa uma picanha”. Essa obsessão pela picanha dominical perpassou todo o seu monólogo. “Gente como a madame (era eu) e a garota (era a jornalista que me acompanhava) são de outra classe, não entendem isso do povo, o povão como eu. Para nós não importa se os caras lá de cima estão roubando, se as pessoas piores vão para os postos mais importantes, se as autoridades estão mentindo, se o Brasil deve para os estrangeiros: para nós interessa que a nossa barriga está cheia e nossos filhos estão na escola”. A jornalista tentou argumentar que muitas vezes a escola estava em péssimas condições, faltavam professores, cadernos, livros, até giz, mas ele não desistiu do seu entusiasmo: “Isso não importa, nem que sejam dois dias por semana, meus netos estão na escola, a gente tem a barriga cheia, e nos domingos meu filho assa uma picanha”.

Pensei que da sua perspectiva ele tinha razão e talvez por isso nada mude tão cedo por aqui. A imensa maioria não lê, não só por ser analfabeta ou sem tempo para isso, mas porque pouco lhe significam ideologias ou ética, nem quer saber, por exemplo, se agora professores de faculdade de medicina não vão precisar ter mestrado nem doutorado, e instituições que foram ícones começam a desmoronar também. Eles pensam em suas dificuldades imediatas, que nem sempre consigo imaginar, em suas razões que não posso contestar – é isso também o nosso país, assim pensado por tantos de seus filhos.

Minha segunda reflexão – com todo o respeito pela jovem em questão – é o fato de uma moça, cantora ou bailarina, ser considerada, numa questão dada por um professor de ensino médio, uma “pensadora do Brasil”. Sou preconceituosa? Em algumas coisas, confesso que sou. Não sei se o professor quis fazer ironia ou falava sério, mostrando uma realidade tão triste quanto barrigas vazias, gente parindo ou morrendo no chão, os assassinatos, a violência cotidiana, réus de vários processos indicados para cargos importantes, e toda a loucura solta.

Quem profissionalmente pensava o Brasil e nos informava sobre ele, tentando nos manter lúcidos, anda aos tropeços: o Ipea era inamovível, indiscutível, mas explode, no país aquele erro grotesco sobre as mulheres que merecem ser estuprada. Diante da gritaria geral, volta atrás: foi um erro. Quantas informações essenciais para nossos trabalhos e estudos terão sido apenas um erro, um errinho – e baseados nele erramos também?

Vejo uma notinha na imprensa dizendo que se pretende começar a cercear o IBGE: seus dados sobre o Brasil não andam agradando. E, assim, pessoas e instituições aos poucos vão-se desmanchando no ar. Quem pensa no Brasil já não sabe o que pensar, quem pensava estar certo se atrapalhou, e nós, que queremos pensar, e acertar, estamos aturdidos. Somos antipatriotas? Somos alienados, ignorantes, rabugentos? Somos provavelmente apenas brasileiros desejosos de mudanças. Talvez nada se consiga, mas sempre há aquela última esperança. E, se tudo der errado, restará a picanha de domingo. (VEJA, 2014, p. 22)

#### 4.1. Dimensão Persuasiva

A autora apresenta em seu texto uma dimensão persuasiva desempenhada a partir do discurso argumentativo (MARSHALL, 2003, p.78). Ela tem por objetivo convencer seus leitores da necessidade de mudanças políticas no país, como fica visível neste enunciado “Somos provavelmente apenas brasileiros desejosos de mudanças” (p.51). Esse discurso

argumentativo, por sua vez, é marcado por valores ideológicos que determinam o que é dito e o como é dito. De fato, esse artigo foi escrito em abril de 2014, ano de eleições para presidente da República. Esse contexto justifica a escolha do assunto como também o espaço em que ele foi veiculado, uma vez que isso foi determinante para organização do texto, sobretudo para a seleção dos argumentos, que contribuíram para orientar os leitores na produção do sentido. (KOCH, 2009, p.32).

Para conduzir a construção do sentido, a autora utiliza vários articuladores textuais. Inicia o texto com o modalizador epistêmico *talvez* (ℓ.1) e do verbo no modo subjuntivo *devesse* (ℓ.1), demonstrando, num primeiro momento, certa *dúvida, incerteza* em relação ao dito. Isso parece ser intencional, pois a escolha dos modalizadores epistêmicos possibilitam ao enunciador retratar-se, voltar atrás, dada certa condição da realidade, como possibilidade argumentativa, uma vez que esses modalizadores marcam o grau de comprometimento e de certeza com o que foi dito (KOCH, 2009, p. 125). Portanto, eles são usados como estratégia na defesa de argumentos, de forma não coercitiva, marcando o ponto de vista da articulista. Essa estratégia permeia todo o texto, como pode ser constatado nos seguintes exemplos em que a autora utiliza diversos modalizadores epistêmicos: *Talvez eu devesse escrever “Pensando no Brasil” [...] (ℓ.1); Nunca se discutam as belezas do Rio. [...] (ℓ.6); Pensei que da sua perspectiva ele tinha razão e talvez por isso nada mude tão cedo por aqui [...] (ℓ.25); Somos provavelmente apenas brasileiros desejosos de mudanças [...] (ℓ.51); Talvez nada se consiga [...] (ℓ.52); E, se tudo der errado [...] (ℓ.52).*

Para reforçar ainda mais o grau de comprometimento e envolvimento com o tema tratado, a articulista também utiliza modalizadores atitudinais de modo a apontar no decorrer do texto sua posição diante do assunto abordado. Esses modalizadores permitem à autora expor suas crenças e valores tencionando fazer com que os leitores confiem em sua legitimidade. (KOCH, 2011, p. 136) Isso pode ser observado nos trechos em que a autora faz referência ao taxista (bem idoso, valente, falante, ℓ.34) e à jovem (cantora ou bailarina, ℓ.34) considerada pensadora do Brasil (ℓ.35). Para ambos a articulista usa a expressão “com todo respeito” (ℓ.9 e 33) com a finalidade de marcar sua posição contrária à maneira que muitos brasileiros “pensam o Brasil”. Observamos isso também nos seguintes trechos: *Eles pensam em suas dificuldades imediatas, que nem sempre consigo imaginar [...] (ℓ.30); [...] mostrando*

*uma realidade tão triste quanto barrigas vazias [...] (ℓ.37); Quem profissionalmente pensava o Brasil e nos informava sobre ele, tentando nos manter lúcidos, anda aos tropeços [...] (ℓ.41).*

Além disso, a autora utiliza articuladores discursivo-argumentativos (mas, porém, toda, pouco, maioria), dentre os quais, o mais utilizado é a conjunção *mas*, considerada um articulador discursivo-argumentativo de alta intensidade, responsável por evidenciar uma relação adversativa entre os constituintes semânticos. (KOCH 2004, p.35, NASCIMENTO, 2008, p.42). Como pode ser observado no exemplo a seguir, o articulador *mas* marca oposição de ideias: *A jornalista tentou argumentar que muitas vezes a escola estava em péssimas condições, faltavam professores, cadernos, livros, até giz, mas ele não desistiu do seu entusiasmo [...] (ℓ.20).*

Percebe-se, assim, que a autora utiliza esses dois discursos articulados com o *mas* para contrapor duas visões opostas, mostrando o conformismo em que vive a maioria da população e, ao mesmo tempo, alertando os leitores o quanto a mudança política será difícil.

Na proposição abaixo além dos articuladores discursivo-argumentativos, observamos a presença dos articuladores metaenunciativos (nunca, quanto mais) e os de conteúdo proposicional (não só, até, sem, para isso, ou, porque). A presença desses articuladores proporciona uma relação de causa e efeito bem como, destaca o argumento mais forte, objetivando orientar a reflexão do leitor sobre a falta de administração eficiente no país, enfatizando o quanto a maioria dos brasileiros conforma-se com a realidade em que vive. Isso é o que podemos observar nos exemplos a seguir: *Nunca se discutam as belezas do Rio, mas, nesta fase de obras e manifestações pululando por toda parte, até respirar fica difícil, quanto mais movimentar-se, cumprir horários e compromissos [...] (ℓ.5); A imensa maioria não lê, não só por ser analfabeta ou sem tempo para isso, mas porque pouco lhe significam ideologias ou ética [...] (ℓ.26)*

Para inserir o leitor no contexto do enunciado, a escritora se vale dos articuladores de conteúdo proposicional que marcam as relações espaço-temporais. Essa inserção do leitor visa a envolvê-lo na reflexão proposta pelo artigo, com o intuito de levá-lo a abraçar o ponto de vista da autora. Observemos alguns exemplos: *Assim, recentemente no Rio peguei um taxista bem idoso, perto dos 80 anos [...] (ℓ.3); Pensei que da sua perspectiva ele tinha razão e talvez por isso nada mude tão cedo por aqui [...] (ℓ.25); Se agora professores de faculdade de*

*medicina não vão precisar ter mestrado nem doutorado, e instituições que foram ícones começam a desmoronar também [...] (ℓ.28).*

Podemos destacar, ainda, o uso dos adjetivos (antipatriotas, alienados, rabugentos, ignorantes), considerados modalizadores axiológicos, porque atribuem valoração ao fato enunciado (KOCH, 2009, p. 137). A articulista utiliza esses modalizadores nos enunciados interrogativos como estratégia para intensificar a inserção dos interlocutores na cena enunciativa, orientando-os para uma determinada conclusão. Vejamos os seguintes exemplos: *Quantas informações essenciais para nossos trabalhos e estudos terão sido apenas um erro, um errinho - e baseado nele erramos também? [...] (ℓ.44); Somos patriotas? Somos alienados, ignorantes, rabugentos? [...] (ℓ.50).*

Outro articulador textual bastante explorado pela autora é o articulador *e*, tido por Koch como articulador adicional. Esse é o caso do seguinte trecho em que a autora busca proporcionar, desde o início do texto, uma crítica quanto ao que irá enunciar. Observe-o no exemplo: [...] *significando duplamente quem, neste país, pensa, e quem pensa sobre o Brasil. [...] (ℓ.2).*

Em seguida, Luft emprega novamente o articulador *e* exercendo agora a função adversativa. Ele, neste caso, marca com antecedência sua posição contrária quanto ao discurso do taxista. Exemplo: [...] *pensamos que vimos tudo, e nos enganamos [...] (ℓ.3).*

O conectivo *e* também é utilizado pela autora com o valor conclusivo como se vê no seguinte trecho: [...] *terão sido apenas um erro, um errinho – e baseados nele erramos também? [...] (ℓ.44).*

Além disso, esse enunciado carrega um tom irônico, tanto provocado pelo sentido do articulador *e* quanto pelo diminutivo *errinho*. Novamente, a autora pretende intencionalmente mostrar ao leitor a necessidade de refletir sobre as questões sócio-políticas do país.

Na sequência da análise, registramos a ocorrência do articulador “assim” termo linguístico responsável pela progressão textual. Neste caso, com sentido de concluir a ideia de como a maioria dos brasileiros conforma-se com a situação precária em que vive. Observa-se ainda a presença de algumas expressões que desempenham a função de organizadores textuais, objetivando a continuidade tópica ou retomando uma referência dita: *Essa obsessão [...] (ℓ.14); [...] e instituições que foram ícones começam a desmoronar [...] (ℓ.29); Eles pensam*

*em suas dificuldades imediatas [...] (ℓ30); [...] é isso também o nosso país, assim pensado por tantos de seus filhos [...] (ℓ31); Minha segunda reflexão [...] (ℓ34).*

## 4.2. O papel fundamental dos articuladores

No decorrer da análise do artigo, observamos que a autora utiliza diversos articuladores textuais, fomentando com eles relações de sentidos. Eles fazem parte de algumas de suas estratégias em busca da argumentatividade pretendida, ou seja, é por meio desses recursos que ela espera persuadir seus interlocutores a abraçarem seu ponto de vista. De fato, os teóricos que citamos na introdução deste artigo são unânimes em afirmar que os articuladores textuais são alguns dos mecanismos fundamentais da estrutura e da tessitura textual. Para demonstrarmos essa importância, apresentamos abaixo o mesmo artigo que estamos analisando, num primeiro momento, desprovidos dos articuladores e, num segundo momento, eles sem os enunciados que amarram. A consequência imediata é a completa desarticulação do texto e, por consequência, o comprometimento do encadeamento, da progressão, da tessitura, da construção interacional do sentido. (KOCH, 2011, p.141).

### 4.2.1 O artigo desprovido dos articuladores

#### PENSANDO O BRASIL

[...] eu devesse escrever “Pensando no Brasil”, significando duplamente [...] [...] país, pensa, [...] [...] pensa sobre o Brasil. Seja como for, pensamos [...] vimos [...] [...] enganamos. [...] [...] no Rio peguei um taxista [...] [...] 80 anos. [...] [...] dirigia [...] [...] carro aos [...] [...] discorria [...] parar sobre as belezas da cidade [...] da vida no Brasil. [...] [...] discutam as belezas do Rio, [...] [...] fase de obras [...] manifestações pululando por toda parte [...] respirar fica difícil, [...] movimentar-se, cumprir horários [...] compromissos. O taxista, [...] estava numa felicidade transbordante, ( [...] dizia [...] [...] quero dizer [...] não são opiniões [...] [...] dele):

“Eu acho este tempo agora maravilhoso. Sou um matuto, vim para cá aos 18 anos, tenho 78, mas ainda sou um matuto. Só que hoje sou um matuto feliz, porque nos primeiros tempos de Rio eu passava dias sem comer. Hoje estou sempre de barriga cheia, e nos domingos meu filho ainda assa uma picanha”. [...] obsessão pela picanha dominical perpassou [...] o [...] monólogo. “Gente como a madame (era eu) e a garota (era a jornalista que me acompanhava) são de outra classe, não entendem isso do povo, o povão como eu. Para nós não importa se os caras lá de cima estão roubando, se as pessoas piores vão para os postos mais importantes, se as autoridades estão mentindo, se o Brasil deve para os estrangeiros: para nós interessa que a nossa barriga está cheia e nossos filhos estão na escola”. A jornalista

tentou argumentar [...] muitas vezes a escola estava em péssimas condições, faltavam professores, cadernos, livros, [...] giz, [...] não desistiu do [...] entusiasmo: “Isso não importa, nem que sejam dois dias por semana, meus netos estão na escola, a gente tem a barriga cheia, e nos domingos meu filho assa uma picanha”.

Pensei [...] da sua perspectiva [...] tinha razão [...] mude [...] por [...]. A imensa maioria não lê, [...] por ser analfabeta [...] sem tempo [...], [...] pouco lhe significam ideologias [...] ética, [...]saber, [...], se [...] professores de faculdade de medicina não vão precisar ter mestrado [...] doutorado, [...] instituições [...] foram ícones começam a desmoralizar [...]. [...] pensam em suas dificuldades imediatas, [...] consigo imaginar, em suas razões [...] não posso contestar – é [...] o [...] país, [...] pensado [...] tantos de [...] filhos.

Minha [...] reflexão – [...] pela jovem em questão – é o fato de uma moça, cantora [...] bailarina, ser considerada, numa questão dada por um professor de ensino médio, uma “pensadora do Brasil”. [...] Em [...] coisas, confesso [...] sou. Não sei [...] o professor quis fazer ironia [...] falava sério, mostrando uma realidade [...] triste [...] barrigas vazias, gente parindo ou morrendo no chão, os assassinatos, a violência cotidiana, réus de vários processos indicados para cargos importantes, [...] a loucura solta.

[...] profissionalmente pensava o Brasil [...] nos informava sobre [...], tentando [...] manter lúcidos, anda aos tropeços: o Ipea era inamovível, indiscutível [...] explode, no país [...] erro [...] sobre as mulheres [...] merecem ser estuprada.

[...] da gritaria geral, volta atrás: foi um erro. [...] informações essenciais para [...] trabalhos [...] estudos terão sido [...] um erro, um errinho – [...] baseados [...] erramos [...].

Vejo uma notinha na imprensa dizendo [...] pretende começar a cercear o IBGE: [...] dados sobre o Brasil não andam agradando. [...], [...], pessoas [...] instituições aos poucos vão-se desmanchando no ar. [...] pensa no Brasil [...] não sabe o [...] pensar, [...] pensava estar certo [...] atrapalhou, [...] queremos pensar, [...] acertar, estamos aturdidos. [...], [...], [...] Somos [...] brasileiros desejosos de mudanças. [...] consiga, [...] há [...] última esperança. [...], [...] der errado, restará a picanha de domingo. (VEJA, 2014, p. 22)

#### 4.2.2 O artigo desprovido dos enunciados

##### PENSANDO O BRASIL

Talvez [...] quem, neste [...], [...]. [...], [...] que [...], e nos [...]. Assim, [...] bem [...], [...]. Valente, falante, devotadamente [...] seu [...] trancos, e [...] e [...]. Nunca se [...], mas, nesta [...] e [...] toda [...], até [...], quanto mais [...] e [...]. [...], porém, [...], e [...] (cito-o com todo o respeito, e [...] que [...] minhas, mas dele)

[...] que [...] péssimas condições, [...], [...], até [...], mas ele [...] seu [...] “Isso não importa, nem que sejam dois dias por semana, meus netos estão na escola, a gente tem a barriga cheia, e nos domingos meu filho assa uma picanha”.

[...] que da sua [...] ele [...] e talvez por isso nada [...] tão [...] por aqui. [...], não só por [...] ou sem [...] para isso, mas porque pouco [...] ou [...], nem [...], por exemplo, se agora [...] nem [...], e [...] que [...] também. Eles [...] imediatas, que nem sempre [...], [...] que [...] – [...] isso também [...] nosso [...], assim [...] por tantos [...].

Minha segunda [...] – com todo o respeito [...] em questão – [...], [...] ou [...],[...],[...],[...]. Sou preconceituosa? [...],[...] que [...].[...] ou [...],[...] tão [...] quanto [...] ou [...],[...],[...],[...], e toda [...].

Quem [...] e nos [...] ele, [...] nos [...],[...] tropeços: [...] inamovível, indiscutível, mas [...], [...] aquele [...] grotesco [...] que [...]. Diante [...],[...]:[...]. Quantas [...] para nossos [...] e [...] apenas [...],[...] errinho– e [...] nele [...] também?

[...] notinha [...] que se [...]: seus [...] andam agradando. E, assim, [...] e [...] aos poucos [...]. Quem [...] já[...] que [...] ,quem[...] certo se [...],e nós,que [...], e [...][...] Somos antipatriotas? Somos alienados, ignorantes, rabugentos? [...] provavelmente apenas[...]. Talvez nada se [...], mas sempre [...]aquela [...]. E, se tudo [...],[...]. (VEJA, 2014, p. 22)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nosso trabalho a partir de uma meta: identificar, à luz da Linguística Textual, os articuladores contidos num artigo de opinião divulgado pela revista Veja, em 22 de abril de 2014, para, em seguida, analisar seu papel fundamental nas relações discursivo-argumentativas nesse tipo de gênero literário. Como resultado, verificamos que o artigo “Pensando o Brasil” de Ligya Luft, apresenta uma crítica tanto política quanto social, não somente aos políticos, como também, ao povo brasileiro. Para isso, a autora utiliza os articuladores textuais que constroem a tessitura do artigo, direcionando a construção do sentido como forma de persuadir a opinião do público leitor.

Esta análise permitiu melhor compreender que o gênero “artigo de opinião” é estruturado por meio da seleção de argumentos pelo seu autor com uma determinada finalidade, e, nesse sentido, os articuladores textuais se mostraram fundamentais na construção textual, principalmente pelo poder argumentativo produzido por eles na mente do leitor, uma vez que todo texto produzido carrega uma intencionalidade. Essa intencionalidade é marcada por valores ideológicos do autor, tendo em vista que ele está inserido num contexto social e histórico e, dentro desse contexto, ocupa uma posição que determina o que vai dizer para quem vai dizer e como vai dizer.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.



BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

DOLZ J.; NOVERRAZ M.; SHENEUWLY, B. Sequências didáticas para uso oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ J.; SHENEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola** Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. G. V. **Linguística Textual: Introdução**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **As marcas de articulação na progressão textual**. In: \_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_, I. G. V. **Coesão Textual**. 6ed. São Paulo: Contexto, 1993.

\_\_\_\_\_, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_, **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_, **O Desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil**.

DELTA vol.15 *specialissue* São Paulo 1999. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300007) Acesso em: 29/03/2015.

LUFT, Lya. Pensando o Brasil. **Veja, São Paulo, n. 17, p. 22, abril. 2014.**

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2003.



NASCIMENTO, Sylvia Jussara Silva do. **Articulação textual: uma visita à poesia de**

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (orgs. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2005.